

CRISE NO CONGRESSO

Confira os principais trechos da acareação no Senado, na qual Regina Borges confirmou ter obtido relação de votos para o então presidente do Congresso

'Fui entregar a lista certa de que era para ACM'

As questões que mais provocaram polêmica durante a acareação

Houve consulta, ordem ou pedido para violação do painel?

Regina – Confirmando. (Que recebeu uma ordem de Arruda, em nome de ACM, para violar o painel e obter a lista de votação) Me pediu claramente a emissão da lista de como votariam os senadores na votação do dia seguinte. Não foi usada a palavra violação. Foi decorrência, foi usada a palavra emissão da lista. O que foi pedido: a emissão da lista de como votariam os senadores no dia seguinte.

Arruda – Esta frase que a doutora Regina atribui a ela própria “saio daqui pra cumprir uma ordem” não houve e nem tinha nada a ver com o teor da conversa, uma consulta amena, tranquila. (...) Ela disse no seu depoimento: “En carei como uma ordem”. Encarei é a forma que ela interpretou a consulta que fiz. Eu não posso entrar no mérito do julgamento de sua interpretação.

Regina – Em relação a ordem, pedido ou consulta, a palavra consulta eu descarto absolutamente. Em momento nenhum chegou a mim como uma consulta. Então essa eu descarto. Em relação a pedido ou ordem, eu acho tão tênue a diferença entre essas duas coisas. Dependendo da autoridade, da forma como chega um pedido ela tem força de uma ordem expressa. Dependendo de como chegam, muitas vezes, um pedido, ou melhor, uma ordem, dependendo da autoridade, da forma, ela pode até ser vista como um pedido. (...) Em relação ao teor, o que foi pedido, ou ordenado (...) aí para mim, é onde reside a grande diferença. E jamais, se me fosse ou pedido ou consultado para verificar a segurança do sistema do ponto de vista do resultado da votação, eu tomaria uma decisão de ir lá, violar um sistema, trazer a lista e mostrar aquilo como uma prova da segurança do sistema. (...) Nunca seria minha atitude ir violar o sistema para provar que era seguro. Eu faria a mesma coisa. Sugeriria que fossem usadas as células. (...) Eu fiz esse trabalho, coloquei o pessoal do Prodasen para fazer para cumprir uma ordem, e quanto a isso eu não arredo.

Quem solicitou a lista de votação?

Arruda – Aquele documento tinha que ser entregue ao presidente da casa (ACM), origem da consulta. (...) Eu fiz a consulta em nome do senador Antonio Carlos. (...) A doutora Regina há de se lembrar que eu abro a conversa inclusive dizendo: ‘Olha, conversando com o Senador Antônio Carlos, ele pediu para eu lhe fazer...’. Disse eu não tenho a menor dúvida.

Regina – A lista ficou pronta e fui entregar. A minha única certeza é que era para o senador Antônio Carlos Magalhães. A gente fez por ser um pedido vindo da presidência. (...) Eu constatei que ela seria (entregue) por portador (...) momento em que teria a intermediação do senador Arruda. (...) Ele me afirmou que iria para o senador Antônio Carlos, então, a minha ansiedade por receber um comunicado do senador Antônio Carlos era tão grande.

ACM – Não dei nenhuma autorização ao senador Arruda, nem ordem, para tratar com a dona Regina qualquer assunto. Entretanto, conversamos, não só com o senador Arruda algumas vezes, como com outros senadores da oposição e do governo, sobre a possibilidade de que se falava de que o painel

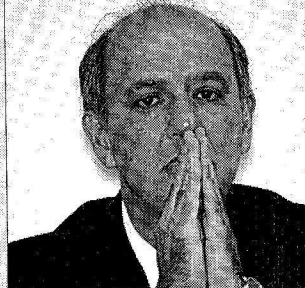
VERSÕES MANTIDAS

AS CONTRADIÇÕES

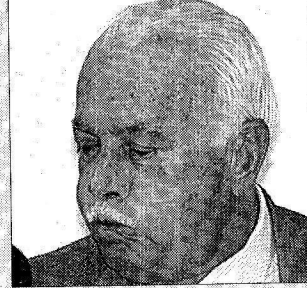


VIOLAÇÃO

A ex-diretora do Prodasen Regina Borges disse que praticou a violação do painel de votação secreta porque recebeu pedido do senador José Roberto Arruda, em nome do senador Antonio Carlos Magalhães.



O senador Arruda disse que fez apenas uma consulta sobre a segurança do painel de votação a Regina, a pedido de ACM.



ACM nega que tenha feito ou pedido para alguém fazer qualquer consulta em seu nome.

TELEFONEMAS

Regina disse que ligou para Arruda na manhã da sessão secreta, informando que a violação fora feita. Recebeu ligação do senador, por volta das 17h, cobrando a lista, obtida depois das 18h. À noite, ACM ligou para Regina acusando recebimento da lista.

Arruda nega que tenha falado com Regina pela manhã. Admite que retornou ligação dela, no fim da tarde, que disse ter um documento para lhe entregar. Disse que presenciou telefonema de ACM para Regina, acusando recebimento da lista de votação.

ACM nega que tenha ligado para Regina para agradecer. Disse que falou com ela para tranquilizá-la e isentá-la de culpa pela obtenção da lista, lembrando-a dos bons serviços prestados ao Senado.

ENCONTROS

Regina tomou a iniciativa de vários encontros com Arruda e ACM, para tratar da violação, depois que a imprensa começou a divulgar informações sobre a lista. Arruda recomendou que ela e seus subordinados mantivessem sigilo até “sob tortura”.

Arruda admite alguns encontros, mas negou que tivesse recomendado o sigilo, mesmo porque não tinha responsabilidade pela violação, de iniciativa, segundo ele, da ex-diretora do Prodasen.

ACM nega qualquer encontro para tratar do assunto. Ele confirmou contatos com Regina, para tratar de assuntos administrativos.

AS FRASES

“Me recuso a aceitar a colocação de que o pedido era para a segurança do sistema. Na verdade, eu recebi um pedido para obtenção da lista dos votos”

“Em momento nenhum chegou a mim como uma consulta”

“Nunca seria minha atitude ir violar o sistema para provar que era seguro”

Regina Borges

“Esta frase que a doutora Regina atribui a ela própria ‘saio daqui pra cumprir uma ordem’ não houve e nem tinha nada a ver com o teor da conversa, uma consulta amena, tranquila”

“Aquele documento tinha que ser entregue ao presidente da casa (ACM), origem da consulta”

Arruda

“Não dei nenhuma autorização ao senador Arruda, nem ordem, para tratar com a dona Regina qualquer assunto”

“Não há mentiras, pode haver contradição dos depoimentos”

“Se eu tive condescendência com a doutora Regina, eu tive pelo mérito que ela tem, e pela certeza que eu tinha de ela não ter culpa no episódio”

ACM



Pedro Simon discursa durante a sessão em que foram ouvidos ACM, Arruda e Regina Borges

poderia ser violado pelo senador Luiz Estevão para modificar a votação provável que seria contra ele, isso foi feito, realmente foram feitas muitas conversas. Entretanto, não houve autorização para o senador Arruda tratar em meu nome nem nessa, nem em qualquer outra oportunidade.

ACM autorizou Arruda a falar com Regina em seu nome?

Arruda – Confirmando, é exatamente o que disse no meu depoimento. (Que ACM o autorizou a falar em seu nome)

ACM – Não dei nenhuma autorização ao senador Arruda, nem ordem, para tratar com a dona Regina qualquer assunto. Entretanto, conversamos, não só com o senador Arruda algumas vezes, como com outros senadores da oposição e do governo, sobre a possibilidade de que se falava de que o painel poderia ser violado pelo senador Luiz Estevão para modificar a votação provável que seria contra ele. (...) Não houve autorização para o senador Arruda tratar em meu nome nem nessa, nem em qualquer outra oportunidade.

Regina ligou para Arruda na manhã do dia da votação?

Regina – Eu liguei para ele, na manhã do dia seguinte (no dia da votação), para dizer que as coisas estavam preparadas para emitir a lis-

ta. É outro ponto onde também me dá mais segurança do entendimento, porque se naquele momento ele tivesse verificado que era só para segurança e não para lista, eu teria tempo ali de abortar a operação. Então naquele momento ele me perguntou se tinha sido tudo tranquilo e sobre a segurança da forma como foi feita. Segurança do ponto de vista dos envolvidos

Arruda – Eu cheguei bastante cedo ao Senado, por volta de 9 horas, como faço sempre. (...) O meu celular fica com a minha secretária enquanto estou no gabinete, as ligações passam a entrar normalmente nos ramais principais e quando vou para o plenário ele segue comigo com um dos assessores de plenário. Numa sessão daquela eu só atenderia se fosse alguma coisa relevante. Me lembro bem que naquele dia procurei não atender nenhum telefonema porque havia pressões muito fortes em Brasília nos dois lados, de pessoas querendo falar comigo, coisas desse tipo. Esta ligação não houve mas tem uma demonstração maior de que não houve. E que eu abri o meu sigilo telefônico e trago aqui a vossa excelência. No meu sigilo mostra o seguinte - eu vou passar à vossa excelência, para conferência posterior - mostra que às 17h42 eu retornei os recados que haviam, existiam recados da doutora Regina, portanto efetivamente ela tentou falar comigo, e eu retornei essa ligação. Não posso asse-

gurar se foi esta ligação que consegui falar com ela ou se ela me ligou em seguida e nos falamos. A verdade é que a tarde eu retornei “n” ligações, inclusive a dela.

Regina – Sim, falei com o senador Arruda. É possível até observar na sequência dos registros do meu telefone. Eu ligo uma vez, porque quando eu afirmei aqui eu não tinha aquele dado, então eu lembrava assim, mas aí ficou mais claro. Eu ligo duas vezes seguida para o gabinete, um pouco antes das 9 horas e às 9 e pouco, e depois quando chega às 10 horas e alguma coisa que eu consigo, então aí já é uma ligação que se percebe que foi maior e a partir daí eu não tentei mais. (...) Eu falei pessoalmente com ele. Foi quando eu falei que tinha ocorrido aquela tarefa durante aquela noite tinha sido executada e que agora dependia da votação para se obter a lista.

No telefonema feito à tarde, após a votação, o que foi tratado entre Regina e Arruda?

Arruda – Houve uma ligação a tarde. Eu não posso lhe assegurar que nos falamos quando eu retornei três ou quatro recados que tinham da doutora Regina ou ela recebendo o meu recado de retorno, ligou para mim. Isso eu não posso lhe assegurar. O que lhe asseguro é que sobre o que falamos eu acho que eu e doutora Regina também não tivemos di-

vergência. Ela disse que estava próxima da biblioteca, alguma coisa assim, e que tinha, que iria me entregar algo, uma coisa assim, que as coisas tinham corrido bem. Alguma coisa assim. Não se falou nem na conversa do dia anterior, nem naquele telefonema, nem lista e nem relação. (...) A fala foi muito rápida e quando ela disse que estaria naquele lugar eu pedi ao doutor Domingos até ali também, sem saber exatamente o que era, apenas disse a ele que era alguma coisa que eu deveria entregar ao presidente e que ele fosse lá para buscar para mim. Até ali, eu não tinha visto falar e nem tinha falado de lista, relação, de nada disso. (...) Eu não sabia qual a natureza do documento que ela me entregaria.

Regina – O senador diz que tem uma ligação dele pra mim, e ele sabia que teria que ter, por conta daquela cobrança que eu tive. (...) O senador José Roberto Arruda tem toda razão: ele só soube dos detalhes depois que tinha passado.

Do que tratou o telefonema de ACM a Regina?

Arruda – A ligação foi realmente muito rápida, e o que é o final da ligação, para mim, é a tranquilidade que a doutora Regina sabia que eu tinha entregue a ela. Parece que a mesma que a doutora Regina colheu ao final do depoimento. E também ficou claro para mim a tranquilidade do senador Antonio Carlos em face de que aquilo comprovava que o sistema havia funcionado bem. Quer dizer, estas duas coisas para mim estão muito claras como resultado final do telefonema.

Regina – Em nenhum momento eu afirmo exatamente como foi (o telefonema) porque o essencial, o substantivo, para mim naquele momento era uma conotação de que tinha chegado lá. Que tinha chegado nas mãos dele. Eu falei (que ACM teria dito) “valeu”, não é bem essa expressão dele, é por aí, como se estivesse agradecendo por ter chegado lá. Naquele momento eu queria ter aquela certeza e na medida que eu tive e se foi um elogio, uma tranquilização, naquele momento, confesso que tudo isso, elogio ou tranquilização, era de

menor importância. (...) Realmente naquele momento eu precisava ter a certeza que aquela lista tinha chegado ao senador Antônio Carlos.

ACM – O senador Arruda declarou isso em seu depoimento duas ou três vezes: me pediu para dar uma palavra à doutora Regina, que estava extremamente nervosa com esse problema da tal lista que teria surgido. (...) Nunca houve a expressão “lista”, nem por parte do senador Arruda nem minha, pelo menos com certeza minha. (...) Num telefonema que o senador Arruda pediu à minha secretária para fazer, eu disse: “a senhora tem relevantes serviços prestados ao Senado. (...) E não deve ser imputada porque provavelmente a senhora não tem culpa. A senhora não deve ficar assim nervosa como eu estou sabendo pelo senador Arruda.” Um telefonema que, ao todo, foi de 34 segundos.

ACM repreendeu Regina em algum momento por ter tornado pública a lista de votação?

Regina – Não tive nenhuma admoestação sobre ter tirado a lista, realmente.

ACM – Se eu tive condescendência com a doutora Regina, eu tive pelo mérito que ela tem, e pela certeza que eu tinha dela não ter culpa no episódio. (...) Não me escandalizei, estou certo que agi bem. Outros senadores podem dizer que eu agi mal, porque eu não queria que aquela votação tão importante para o País, de retirar do nosso meio o senador Luiz Estevão, que já estava praticamente indiciado pela CPI do Judiciário e os fatos posteriores vieram a demonstrar que ele era realmente culpado, eu não poderia colocar em risco esta votação jamais, em função de uma lista que chegou, que poderia ser verdadeira ou não e cujos nomes foram lidos, evidentemente, por mim, pelo senador Arruda. (...) Fiz isso, assumi a responsabilidade, assumo ainda hoje, porque acho que fiz um bem e não o mal. (...) Não fiz isso (repreender ou punir a funcionária) com a doutora Regina (...) para salvaguardar também uma grande função que merece todo o respeito dessa casa e que, provavelmente, não teria culpa no episódio.